

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)7 mar 2017 | O Globo | HENRIQUE GOMES BATISTA* henrique.batista@oglobo.com.br Correspondente

Mais do que diplomacia, Brasil depende da política interna

Vigor econômico precisa ser retomado para que país volte a ter protagonismo lá fora

Amissão de Aloysio Nunes Ferreira não é simples. À frente do Itamaraty, terá que recolocar o Brasil como importante ator nos debates globais em um momento em que o multilateralismo perde espaço com a avanço do nacionalismo em países importantes. Tentará abrir mercados estrangeiros enquanto o protecionismo cresce. E não conta com o apelo que fez o país ser destaque internacional nos anos passados.

— Para voltar ao jogo o Brasil depende mais de fatores internos que de sua diplomacia. Precisa voltar ao vigor econômico, apresentar avanços sociais e ambientais e conseguir transformar o debate da corrupção criado com a Operação Lava-Jato em algo que pode ser visto como um exemplo para outros países — afirmou o brasilianista Peter Hakim, presidente emérito do InterAmerican Dialogue. — Antes, toda vez que voltava do Brasil, as pessoas queriam saber o que o país estava fazendo, havia novidades. Hoje o país perdeu a relevância.

Ele acredita que não adianta o novo chanceler defender uma abertura comercial, se o país continuar um dos mais fechados do mundo. Enquanto o agronegócio defende uma atuação mais agressiva e voltada para a Ásia, os industriais brasileiros temem com a concorrência.

E a relação com os americanos terá um outro desafio: Donald Trump. Tirando o muro na fronteira com o México e algumas palavras duras com Cuba e com a Venezuela, pouco se falou ou fez sobre a América Latina na gestão do republicano. O relativo descaso com a América do Sul reforça a indiferença do magnata com a região e amplia os desafios do novo chefe da diplomacia brasileira.

SEM MÁGOA APARENTE Sergio Amaral, embaixador brasileiro em Washington, afirma que os dois países sempre tiveram boas relações e que o Brasil não entra no radar de Trump não é exatamente um problema: os americanos possuem superávit comercial, há uma boa relação empresarial entre as duas nações, muito investimento verde-amarelo nos EUA e o Brasil não é um ninho de terroristas. Questionado sobre o fato de Michel Temer até agora não ter conversado com Trump depois da posse — houve somente uma ligação de cortesia após a eleição — Amaral minimiza:

— Nós não estamos buscando uma visita de cortesia de curto prazo (de Temer para Trump), estamos buscando um encontro de alto nível para apresentar questões concretas para nossas sociedades e nossos empresários.

Há ainda dúvidas que surgem pela crítica que Aloysio fez a Trump após a vitória do magnata, dizendo que os republicanos deveriam estar “de porre”. Membros do próprio Departamento de Estado minimizam o caso, lembrando que isso ocorreu quando o chanceler era senador e fez um discurso político. Trump e outros líderes falaram palavras ainda mais duras uns sobre os outros. E a vida segue. (*De Washington)

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)